

# A VELHA GUARDA

ORGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

AGOSTINHO FERNANDES ROCHA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Administrador: FRANCISCO GONÇALVES DA CUNHA

Redactor principal:

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARÃES

Redacção e Administração: Rua Elias Garcia, 46. — Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua Elias Garcia, 45 — GUIMARÃES

## VENHAM AS CONTAS

Consumou-se o crime, e com todo o escândalo. De nada valeu o nosso protesto, que ainda vinha a tempo. Que resta? Apurar-se as contas para sabermos quanto os tribunais terão de fazer pagar aos vereadores que se tornaram, com o seu voto, cúmplices de mais esta enorme pouca vergonha, e, também, para evitar que o resto que sobrou das festas, e que deve ser quantia bem churada, não siga o destino previsto de ir liquidar as bambochatas duma propaganda eleiçoeira.

Nós não sabemos se ainda haveria alguém que acreditasse na honestidade e decôro dos políticos que tomaram conta da Câmara: é pouco provável, é quase impossível, tais as ignobeis falcatruas de que teem sido acusados e de que não teem podido defender-se. Mas, se, por hipótese incrível, alguém de boa-fé, ainda confiava na dignidade e na vergonha de tais cavalheiros, hoje essa confiança ter-se-ha convertido em nojo e repulsa, a não ser que se trate de caracteres idênticos aos dêles.

Mostrou-se e provou-se à face do povo estupefacto dum concelho inteiro, que esses políticos, tendo-se-lhes acabado o dinheiro da batota de que até hoje viveram, iam arrancar dos cofres da Câmara, de cuja guarda criminosamente se apossaram, oito contos, sob o pretexto de festejar o seu candidato a deputado, mas com o fim verdadeiro de se indemnizarem do que deixaram de receber da batota.

Trata-se duma ilegalidade, dum crime.

Ainda mesmo que uma Câmara pudesse gastar dinheiro com a recepção de qualquer candidato a deputado que viesse aqui tratar, como veiu o sr. Lúcio, da sua eleição, ainda mesmo que tal despesa fôsse legal, não se justificaria a sua enorme

importância, quando os próprios empregados da Câmara morrem de fome e as casas de caridade fecham as suas portas por já não terem que dar às criancinhas, aos velhos e aos doentes que até aqui acolhiam. Ainda mesmo que a lei permitisse essa despesa, não seriam oito contos, nem sequer oitocentos escudos o que a Câmara devia gastar com a recepção desse seu correlegionário e já agora cúmplice dêste odioso crime. Bastaria bem menos, porque não são precisos foguetes nem luminárias para festejar um homem: o povo, se esse homem fôsse digno duma recepção, compareceria mesmo sem o chamariz das músicas e das luminárias; e se queriam pô-lo bem em contacto com as massas populares, fizessem-no presidir a uma festa de caridade, a uma festa de que aproveitassem os famintos, as crianças, os que não teem pão nem saúde. Em lugar de lutos almoços na Penha, pagos à custa do município e comidos por quem deve ter comida de sobra em casa, dessem uma malga de caldo e uma camisa a tanto desgraçado que por aí vagueia.

Mas, não. A despesa, nem pequena nem grande, nunca poderia ser feita. A lei não o permite, porque, impondo à Câmara despesas obrigatórias, em nenhuma das quais pode ser incluída aquela de que se trata, só lhe deixa como facultativas as que «forem de utilidade para os municípios e resultem das atribuições das Câmaras.» As festas ao sr. Lúcio não podem ser incluídas de nenhum modo dentro dêste restricto âmbito legal, deem-lhe as voltas que derem à acta da sessão respectiva, falsifiquem-na ou deturpem-na como entenderem.

A verdade será sempre a de que foram votadas e gastas pela Câmara

ra grossas quantias para festejos eleiçoeiros.

Venham já as contas dêstes festejos, completas e claras, para sabermos quanto restou, isto enquanto o tribunal para onde se vai reclamar, não fizer justiça e antes que tudo desapareça em indigestões e borracheiras na orgia eleitoral que os srs. dominguistas vão iniciar.

### Impressões da semana

O câmbio—Eleições  
—Os dominguistas locais e o sr. dr. Lúcio—Um fiasco  
—As Gualterianas

Ha muito que o povo vinha suspirando pelo momento feliz que lhe tornasse a vida amargurada, que tem arrastado, um pouco mais suave, um pouco mais leve. Esse momento parece ter chegado.

A divisa cambial que tinha criado raízes na casa dos cinco, subiu à casa dos oito e parece que se prepara para ir até à casa dos doze (libras a 2000). Esta oscilação inesperada, que se deve ao bom êxito do empréstimo de 50 milhões de dollars e à certeza de que a Alemanha tem de pagar a indemnização que nos deve, pôs em sobresalto os grandes especuladores, cujas habilidades tem sido impotentes para entrar a marcha ascensional da melhoria do câmbio. O terror lavra naqueles que, não satisfeitos ainda de sugar o sangue do povo, vêm a terra a fugir-lhes dos pés, não podendo evitar o trambulhão. A par dêstes, porém, ha os comerciantes honestos, que desejam que a vida comercial entre na normalidade, afim de que as transacções se possam efectuar sem sustos e sem receios. E, enquanto a questão dos câmbios vai preocupando o alto comércio e dispondo bem a massa popular, as eleições vão preocupando também a alta politica.

A dissolução do Parlamento foi a melhoria cambial da vida politica portuguesa. E' preciso, pois, que o resultado das próximas eleições não vá agravar a situação e que os males de que enfermava o Parlamento dissolvido não surjam no Parlamento que vai eleger-se.

Nós devemos votar conscienciosamente em homens que nos mereçam absoluta confiança, como republicanos, preferindo depois os que melhor conheçam a terra cujos interesses vão defender e que por ela sintam amor.

Para isto basta que sejamos republicanos disciplinados, mantendo-nos fieis ás determinações do Directório e não aconteça como nas últimas eleições que, tendo o Directório sancionado as candidaturas apresentadas pelas comissões politicas, as autoridades administrativas, embora represen-

tantes do partido, protegiam descaradamente candidatos não sancionados pelo Directório, a ponto de muitos correlegionarios, inconscientemente, terem auxiliado aqueles que mais tarde haviam de abrir uma dissidência no partido.

E' claro que me quero referir aos correlegionarios dêste círculo.

Os dominguistas locais, prevenido o seu fim próximo, quizeram explorar o caso da aprovação do projecto do Liceu em proveito próprio, de ver se com isso tomavam um pouco de alento. As coisas saíram, porém, contrárias aos seus desejos. Ao lado da opinião da câmara, que consistia em trazer somente aqui o sr. Lúcio, surgiu a opinião dos liberais que, com justiça, reclamavam a vinda dos demais deputados do círculo que trabalharam para o mesmo fim. E a Câmara, se quizesse mostrar a sua imparcialidade e desinteresse na homenagem que queria prestar ao sr. Lúcio, teria acolhido bem a opinião dos liberais. Mas não; quiz antes, pelo contrário, dar-lhe um cheque, na segunda reunião efectuada, para o que previamente convidou os seus afeiçoados professores da E. P. S. E' claro que, por êste processo, nunca a recepção do sr. Lúcio poderia ter o apoio geral da opinião pública, tendo redundado num verdadeiro fiasco, pois que, a não ser a Academia do Liceu, Bombeiros e E. P. Superior, não vimos lá mais nenhuma representação digna de nota. E' preciso que os promotores duma recepção desta natureza se imponham á consideração do público, e os dominguistas teem feito pouco por merecerem essa consideração. Desde que os dirigentes dum grupo politico se aproveitam dêle para interesses próprios, açambarcamento de lugares, etc, o público começa por os olhar com desdém e até com desprezo.

E os dominguistas não teem feito outra coisa senão arranjarem a sua vidinha com o maior descaramento e sem pejo algum, o que depõe muito contra a dignidade das suas pessoas.

Aproveitamos, ao menos, uma noite de iluminação, fogo e musica, com que nos devemos dar por satisfeitos, embora nos custasse cara (oito contos), pois que a respeito de Gualterianas parece que vamos ficar em zero.

Soubes que os empregados do comércio tentaram restaurar as brilhantes «Festas da Cidade», dando-lhe o caracter grandioso dos primeiros anos. Para levarem a cabo esta empresa, os empregados do comércio, precisavam da colaboração da Associação Commercial. Estou, porém, informado de que esta Associação não está disposta a trabalhar, o que é lamentável. Eu sei que para levar a effeito semelhante tarefa é preciso trabalhar muito, muito; e não serei eu, pois, que venha agora dar mais alvitres, porque é mais facil dar leis do que executá-las; mas, que diabo, se por aí ha ainda entusiastas das Gualterianas, que apareçam; se unam e lutem pela vida das mais lindas festas de Portugal.

João do Vale.

## Um dia cheio... meu povo

Vêde! Como é sobêrbo um passeio á Penha!! quando tudo á volta são honras e deferências!... Como vale a pena fechar a porta... o que sempre succede a quem vem atraz!...

Que Guimarães não tem amigos!? Isso sim. Tem, muitos e bons... liais servidores de lisongeiros triunfos; devotos do Intereze; aliados do vitupério que deixais a cidade esfacelar-se pouco e pouco; as ruas cobrirem-se de imundície; os prédios succumbir numa derrocada louca, apavoradora; os vossos empregados rastejar no lamaçal duma vida cruel e brutal que atrofia e gasta, tais são os ordenados que auferem em troca do serviço que nos prestam.

Todavia—hája rópia, não haja pão pra ceia—! Que importa se alguém geme sob o peso da sua Cruz? A vidairada segue os seus tramites previstos, e, no ar, há uma dúzia de cartolas que escovadas reluzem ao sol! Há «fragues» e casacas que contrastam com outras tantas vestes grosseiras e poeirentas.

Venham cantoneiros de calças salpicadas pela lama das estradas; chapéus desabados pelo rigor do tempo; coeiros municipais de chinelos a olhar para o céu e fatos coçados; fiscais, zeladores de jaquetas esfuracadas, barretes engordurados com cordões a luzir de sebentos que estão; varredores generosamente pagos, que venham descalços ou de socos, roupas enlameadas com remendos e joelheiras! Venha toda essa infinita ralé. Haja festas!! O ano foi farto. Não houve pão? Houve açúcar. Vereadores e caciques, janotas e plebeus, orgulho e vaidade, tudo é vaidade; nada de choradeiras nem miseria; festa, muita festa! Votem, senhores, 6, 7, ou 8 contos. Os empregados gemem? Não teem pão? O dia não é de fome; há foguetes no ar que estrondeiam festivos; há sons acústicos que anunciam vitória!... E se há vitória, há loiros... amarelcidos, quasi que roubados a boas almas no anonimato da modéstia.

Vão dizer-lhes que o concelho geme na alçada das prescrições camarárias, que lança o «ad-volorem», que joga sem risco de capitais e vende lampiões e sacos. Que os municipes morram á mingua de água e pão. Que importa tudo isso? Havendo Lúcios há festas, há vinho, há Liceus de graça, e até há musica para esquecer por momentos a fome dos assalariados a 3000 na vida actual!!

Há amas que criam os filhos expostos pela linda quantia de 1200 por mês. Já vêdes, senhores, que nadamos em mar de rosas. Mais vale um dia de fartura que 30 de fome. Que venham as bandas do Pevidem e de Reveilhe, a do 20 e a dos Guises.

E até há donativos para os pobres. Quem não é pobre?

Quem de entre vós—oh caricatos—amanuenses e zeladores, coeiros e fiscais—não tem precisão duma esmola?

Quem sentirá o estômago tão farto... de borra e cerejas que não saiba já em que aplicar a expórtula dum dia de trabalho fequundo e lucrativo? Vós, que de manhã ao sair de casa, apertais mais um furo na correia que segura as calças para que por entre o ulular da multidão em festa não caiam da cinta, não aceitaríeis de bom grado a vossa quota parte dos tais 8.000.000?

Que bom! diriam os vossos, no dia seguinte, ao saborear umas couves a mais que o costume!

Não seria este um dia cheio, meu povo? Perguntai-lhe a eles com quanto custeiam as suas despesas quotidianas... e ainda as de um burro para ir a Jogueiros... Hoje mais que ontem é preciso dinheiro, muito dinheiro. E' com dinheiro que se compram melões, consciências e votos. E' preciso guindar ao zenith politico quem nos assegura uma mesa farta e uma vida de bródio e reinação: emprégo para os afilhados e lugares de destaque aos incompetentes, aos cínicos sem crédito, sem fé, nem convicção. E' preciso que da festa resulte um saldo a favor para fazer face ás despesas na mendicidade de votos. Jorge não anda a pé. Coitados! que vão aliando as flautas; porque daqui a nada tudo debandará ao grito de "salve-se quem puder"! Oh! quanta desilusão, quanto desespero não trará essa hora final! Ainda hei-de adquirir por um patuco velho alguma gamela vazia, já ressequida e abandonada com desdém.

E, se tivesse amigos... ainda chegava o fajão ou coisa semelhante. Oh! Por certo que esse dia, será um dia cheio—meu povo—!

Paiva Franco.

**Coronel Manoel Maria Coelho**

Filiou-se, ultimamente, no Partido Republicano Português, este gloriozo revolucionário do 31 de Janeiro. E' uma honra para nós tê-lo como nosso correligionario.

**A candidatura monarchica**

E' profundamente lamentavel que os monarchicos deste circulo não tivessem encontrado criatura mais idónea para os representar no parlamento do que o célebre Alfredo Pimenta.

Cada um na sua casa, governa-se conforme entende e nós nada temos com a vida intima dos monarchicos; mas, como vimaranenses, que todos somos, faz-nos pena, que os monarchicos não tivessem podido descobrir um candidato em melhores condições.

Então faz sentido que homens como os Drs. Meira e Henrique Margaride, que, sejam quais fôrem os seus defeitos politicos, todos temos na conta de dignos e honestos, vão votar no... Alfredo Pimenta?!

Então eles não sabem quem é, o que tem sido e o que ainda hade vir a ser o Alfredo Pimenta?

E é a sério, não é por troça, não é por traicão contra os próprios principios que defendem, que vão escolher para figurar entre os pouquissimos monarchicos que poderão ir ao parlamento e que, por isso mesmo, deviam ser dos mais dignos, mais nobres e competentes, o... Alfredo Pimenta?!

Ou está tudo doido, ou a disputa das eleições pelos monarchicos neste circulo não passa duma comédia.

Mal por mal antes o Tubarão mór, o La ma mère ou até o Papa açúcar de Jogueiros; e qual quer deles aceitaria; era uma questão de soldo...

Dá-se um dõce a quem fôr capaz de descobrir a razão por que o Quiriqui de Cabeceiras e La ma mère de Guimarães, não se agarrou aa seu amigo Lúcio logo que ele chegou, só aparecendo tarde da noite.

Onde esteve sua ex.ª metido? Que altos motivos de extraordinária transcendência o obrigaram a aparecer só de noite, não nos dando o sumo prazer de admirarmos o fino lustre da sua cartola e o elegante corte do seu fraque ao lado dos não menos lustrosos e elegantes que ostentavam os seus dignos colegas Tubarão-mór e Papa-açúcar de Jogueiros?...

**Bombeiros**

Lá os vimos, todos flamantes, no cortejo do sr. Lúcio. Recusaram-se a tomar parte numa comemoração de mortos, num dia de festa nacional, o 13 de Fevereiro. Mas não tiveram pejo de servirem de comparsas numa fantochada de politica eleitoral, esquecendo-se do seu nobilissimo mistér e da honorissima tradição que os glorifica.

Que diferença, que contraste, se compararmos a sua attitude com a de todas as classes operárias deste concelho, que, unanimemente, se recusaram ao papel ridiculo, a que, por todos os meios, as quizeram obrigar, de irem com as suas bandeiras homenagear um desconhecido que por aí anda mendigando votos!

E se os bombeiros pensassem antes em se aperfeçoarem para o bom cumprimento da sua missão e em restabelecerem, entre si, a indispensavel disciplina, que nos dizem andar muito avariada?...

**VELHARIAS**

**Vimaranenses notáveis**

—Frei Martinho da Apresentação, anteriormente frei Martinho Golias, oriundo da antiga e nobre casa das Lamellas, junto a Guimarães. Foi o primeiro filho, que deu Guimarães á congregação beneditina por D. abba de geral d'ella, sendo o 16.º na serie d'esta dignidade, quasi episcopal, depois da reforma da Ordem nos principios da primeira metade do seculo xvi. Nasceu a 28 de outubro de 1561, filho de Lourenço Golias. Recebeu na pia baptismal o nome de Simão, e na idade de 18 annos era um dos cavalleiros mais valentes e arrojados de Guimarães, como por varias vezes o provou com sua espada. Esteve por algum tempo na America e recolhendo ao reino serviu Portugal nas armas por quatro annos, e embarcou em varias armadas. Sofrendo mais tarde graves padecimentos, de que se julgava livre por intercessão de S. Gonçalo de Amarante, resolveu deixar o seculo e abraçar a religião. Estando em Lisboa dirigiu-se d'alli ao mosteiro de Pombeiro, para tomar a cogulla do patriarcha S. Bento; mas por ser limitado n'aquelle convento o numero de frades, dirigiu-se d'alli a Tibães, onde vestiu o habito a 21 de novembro de 1586. Acabado o noviciado, e não sendo ainda sacerdote, foi nomeado procurador do mosteiro de Rendufe, e depois transferido para o mosteiro de Pombeiro celebrou aqui a sua primeira missa, sendo secretario e interprete de frei Sebastião de Villoslado, que por ordem de Philippe I veio aqui em visita á congregação. Em 1593 foi escolhido para secretario de frei Antonio da Silva, 6.º D. ab-

bade geral da Ordem. Em 1599 foi dispensado em capitulo geral, nemine discrepante, em quatro annos de habito para poder ser eleito prelado, não obstante as instituições em contrario, e foi eleito D. abba de Rendufe, em cujo cargo se acreditou summamente. Em 1605 eleito D. abba de do mosteiro do Paço de Sousa, fez aqui a apparatusa remoção dos ossos venerandos de D. Egas Moniz, de sua mulher e filhos, mandando ataviar as figuras de relevo do seu moimento com allusões á ida d'este fidalgo a Castella com cordas ao pescoço. Em 1608 foi nomeado visitador da Ordem. Em 1611 D. abba de do mosteiro de Lisboa, que então era o da Estrella. Cuidou aqui em dar principio ao de S. Bento de Sande, um dos mais memoraveis da Ordem, e que sobremodo lhe ficou deverdor de officios dedicadissimos. Em 1614 eleito defnidor da congregação, recolheu-se ao mosteiro de Pombeiro, onde se entregou incessantemente ao exercicio das virtudes christãs. Em 1617 foi segunda vez eleito D. abba de do mosteiro de Lisboa, sendo então o primeiro que tivera residencia triennial no mesmo mosteiro, a que deu impulso memoravel. Em 1620 foi eleito defnidor-mór e finalmente em 1621 D. abba de geral da Ordem beneditina, cargo que exerceu com prudencia e rectidão, affabilidade e justiça. Em 1623 acabado o generalato recolheu-se ao mosteiro de Gonfey, d'onde sahiu em 1626 para D. abba de do mosteiro do Porto. Em 1629 eleito de novo defnidor-mór em capitulo geral, recolheu-se ao mosteiro de Pombeiro, onde exhalou o ultimo suspiro no dia 4 de abril de 1631.

—Payo Galvão, filho de Pedro Galvão e D. Maria Pires. Desprezando toda a sua herança vestiu o habito dos monges de S. Jeronymo em Santa Marinha da Costa pelos annos de 1178. Formado pela universidade de Paris, aqui recebeu o grau de mestre em theologia, e voltando a Portugal, foi nomeado mestre-escola da collegiada, onde leu theologia moral. Nomeado por D. Sancho I para ir dar obediencia ao novo pontífice Innocencio III, não consentiu este, que D. Payo, seu antigo discipulo na universidade de Paris, deixasse Roma, onde o elevou a vice-cancellario, depois em 1206 a cardeal diacono, em 1211 a cardeal presbytero, com o titulo de Santa Cecilia, e em 1215 a bispo albanense. Por morte de Innocencio III, subiu ao solio pontificio Honorio III, foi o nosso illustre patricio tido em tanta estima pelo novo pontífice, que foi a sua influencia na santa sé, que o patriarcha S. Domingos deve as bullas de confirmação para a sua ordem. Na cruzada, que Honorio III formou para a conquista da Terra Santa, serviu de delegado apostolico D. Payo Galvão, que depois de haver illustrado com a sua sciencia e altos serviços a curia romana, falleceu no Monte Cassino no anno de 1228 com opinião de bemaventurado.

(Continua).

Extraido do livro GUIMARÃES, do Padre Galdas.

**Os Fidalgos da Casa Mourisca**

Com imenso agrado foi exibido no Cinema Chantecler, este importante «film» de Julio Dinis, tendo sido muito apreciado por distintas familias desta cidade e concelho.

Parabens á Empreza, pois sempre nos tem proporcionado vermos os melhores «films» da actualidade, tanto portugueses como estrangeiros, tendo sido sempre apreciados, com geral agrado.

**CASA DAS NOVIDADES**  
DE  
**RIBEIRO CASTRO & C.ª**  
Livraria, Papelaria e Tabacaria—Perfumarias e Miudezas

Assinatura de jornais e illustrações nacionais e estrangeiras. Depósito de músicas religiosas (última reforma), e profanas. Venda de figurinos. Grande sortido de livros estrangeiros úteis ao clero. Artigos de pintura, fotografia, pirogravura e desenho. Livros de Missa, liturgia e apologética. Variado sortido em oleografias, estampas, terços, medalhas e outros artigos de piedade. Encarrega-se de qualquer encomenda de objectos para igreja.

Rua da República, 103, 105 e 105-A—Rua Gravadar Molarinho, 1 e 3

GUIMARÃES

**Anuncio**

**VENDE-SE um prédio em bom estado e com boa loja para qualquer negocio.**  
Rua da República, 99 e 101 (largo da feira do leite) — Guimarães.

Falar das 11 horas em diante.

**EM FELGUEIRAS**

**Concurso hipico**

Felgueiras, 6—Vai ser grandioso o concurso hipico que se realisa no alto do Monte de Santa Quiteria nos dias 28 e 29 do corrente. São três provas no primeiro dia e duas no segundo que louvarão sobremodo o exercito portuguez, representado pelas pelos mais distintos cavateiros de artilharia 4 e 5. Os civis, dados ao hipismo, não faltarão, decerto, e procurarão disputar galhardamente os prémios ofertados.

Já se estão fazendo os obstaculos e a inscripção está desde já aberta nos «Armazens Faria» desta vila.

Bandas de musica abrilhantarão esta festa, por assim dizer unica, entre as festividades provincianas.

O alto do monte é iluminado a luz electrica e á noite as illuminações serão profusas, dum feito sensacional.—Correspondente.

**Festividade religiosa**

Realisa-se nos dias 25 e 26 do corrente uma festividade religiosa á Senhora das Neves e S. Crispim, que se veneram na sua capela sita á Rua da República, desta cidade.

Constará, no dia 25, de arraial com illuminação, fogo do ar e de artificio e basar de prendas, tocando durante a noite a afamada banda dos Guises; e no dia 26, ás 7 horas, alvorada pela mesma banda de musica e foguetes. A's

**“A VELHA GUARDA,”**

**CONDIÇÕES DE ASSINATURA**

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Ano	3\$50
Semestre	1\$75
Trimestre	1\$00
Numero avulso	\$10

**PUBLICAÇÕES**

Anuncios e comunicados:	
1.ª publicação — cada linha	\$20
Repetição	\$10
Permanetes — contracto especial	
Imposto do selo	\$20

Ex.ª Sr.

*Bibliotecario*  
*Municipal*  
*Clayton*

10 horas missa solene. A's 18 horas, agradaveis passatempos e musica. A's 21 horas, continuação do basar de prendas, illuminação e fogo do ar e de artificio, prolongando-se o arraial até de madrugada.

**CAIXA PENHORISTA VIMARANENSE**

Fundada em 1880

Rua da República, 144  
GUIMARÃES

**Leilão de Penhores**

De harmonia com o decreto de 1 de Outubro de 1900 e com os artigos 6.º e 12.º das condições dos contratos desta casa faz-se publico que no dia 31 e seguintes do próximo mês de Julho, pelas 10 horas, serão arrematados em hasta pública, na sede desta casa, todos os penhores que devam 3 meses de juros, bem como todos aquêles que, em virtude da baixa do preço do ouro, se achem depreciados no seu valor.

A fim de evitarem a venda dos objetos nas condições acima indicadas, pede-se aos srs. mutuários para pagarem não só os juros, como para darem dinheiro por conta do capital dos referidos objectos.

Os juros recebem-se até ao dia 26 de Julho.

Guimarães, 18 de Junho de 1921.

Os proprietários,

**Peixoto & Rocha.**